



Bimestral • Ano do Senhor 2015

O FIEL CATÓLICO

Catequese :: Apologética :: Doutrina :: Teologia :: Filosofia



11



GNOSSE | EDUCAÇÃO CATÓLICA | O MILAGRE DE CALANDA





Pio XI

“Muitos nunca Vos conheceram; muitos desprezaram os vossos Mandamentos e Vos renegaram. Benigníssimo Jesus, tende piedade de uns e de outros e trazei-os todos ao vosso Sagrado Coração. Senhor, sede o Rei não somente dos fiéis que nunca de Vós se afastaram, mas também dos filhos pródigos que Vos abandonaram; fazei que eles tornem, quanto antes, à casa paterna, para que não pereçam na miséria e de fome. Sede o Rei dos que vivem iludidos no erro, ou separados de Vós pela discórdia; trazei-os ao porto da verdade e à unidade da fé, a fim de que em breve haja um só rebanho e um só Pastor.”

Ato de Consagração ao Sagrado Coração de Jesus (trecho), instituído pelo Papa Pio XI, com a Festa de Cristo Rei, para lutar contra o laicismo, ideologia segundo a qual a fé cristã não deve influenciar nas decisões políticas



EDITORIAL

Nosso Senhor nos deu, mais do que um chamado, uma ordem: “Ide e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). E esta foi sempre uma ordem difícil de cumprir, pois o verdadeiro Cristo nunca pretendeu agradar o mundo; jamais esteve ‘na moda’; seu Evangelho sempre pareceu contrariar tudo aquilo que o homem quer ouvir. Queríamos receber tão somente bençãos, afagos, promessas de prosperidade e alegrias fáceis. Queríamos uma porta larga e um caminho espaçoso. Mas Ele trouxe a Cruz. Por isso é que o mundo não o reconheceu: as trevas são incapazes de compreender a Luz.

Tendemos a gostar daqueles que se destacam socialmente; admiramos reis e filhos de reis, mas o Rei dos reis veio como pessoa simplérrima e sem destaque algum. Pior do que isso, o Cristo ousou chamar a cada coisa pelo seu devido nome. Ao invés de procurar termos que hoje chamaríamos “politicamente corretos”, Ele chamou os hipócritas, simplesmente, de... hipócritas. Não deixou de proclamar a Verdade, nem em nome da caridade. De fato, a caridade está, de modo excelente, na própria “verdade, que Jesus testemunhou com a sua vida terrena e com sua morte e ressurreição; a verdade, que é a força propulsora principal para o desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade. O amor-caritas é uma força extraordinária, que impele as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz. É uma força que tem origem em Deus, Amor eterno e Verdade absoluta. Cada um encontra o bem próprio aderindo ao projeto que Deus tem para ele a fim de o realizar: é em tal projeto que encontra a verdade sobre si mesmo, e torna-se livre (Jo 8, 22). Defender a verdade, propô-la com humildade e convicção, são formas imprescindíveis de caridade” (Bento XVI. *Caritas in Veritate*, 1).

Impelidos pela força do amor-caridade, a Deus e ao próximo, proclamar a Verdade, que é Jesus: eis a missão tremenda que, dos abismo de nossa pequenez, ousamos abraçar, confiantes na infinita Misericórdia divina. Boa leitura!

EXPEDIENTE FIEL



A revista “O Fiel Católico” é mantida pela Paróquia Nossa Senhora do Brasil. Parte da distribuição é gratuita. “Fiel Católico” é um apostolado da Igreja Católica Apostólica Romana, sediado na cidade de São Paulo (SP), com a missão de anunciar o Evangelho e esclarecer a fé a partir do estudo apologetico da Sã Doutrina, da Teologia, da Filosofia e da História.

Colabore com este trabalho e receba as novas edições de “O Fiel Católico” em sua residência. Informe-se pelos tel.s: (11) 9 4966-54063 / 3569-1292 / 9 8374-0718 ou por e-mail: ofielcatolico@gmail.com

- Direção geral: Pe. Michelino Roberto • Editoração, diagramação, arte e projeto gráfico: Henrique Sebastião
- Tratamento de imagem: Henrique Sebastião • Textos desta edição: Igor Andrade de Maria; Vitor Erni Matias Figueiró; Felipe Marques; Henrique Sebastião • Revisão de texto e revisão geral: Silvana C. Sebastião da Silva • Impressão: Paulo Gomes artes gráficas (11 9 6399-4474) • Capa desta edição: A Entrega das Chaves (1481-1482), Pietro Perugino, Capela Sistina, Roma





GNOSE, A GRANDE HERESIA

Tratamos em nosso estudo anterior da perseguição aos cristãos empreendida pelo Império Romano. Apesar de toda a barbaridade contra os “seguidores do Caminho”, o cristianismo não apenas sobreviveu ao grande sofrimento como, até, de algum modo, beneficiou-se dele, como atestou Tertuliano: “O sangue dos mártires é semente de novos cristãos”. A maior ameaça e maior dificuldade que a Igreja recém nascida precisou enfrentar não foram os imperadores romanos, e sim a ameaça do **gnosticismo**.

Para entender o gnosticismo, é importante que lancemos, antes, um olhar sobre o **helenismo**, fenômeno religioso e filosófico proveniente do Império Grego, que se originou da mistura sincrética das crenças gregas e orientais durante o império de Alexandre Magno.

O gnosticismo, – outro fenômeno religioso e filosófico, – deriva exatamente do helenismo, e surgiu mais ou menos junto com o cristianismo. Os gnósticos propunham uma explicação para a origem do mundo, do mal e das questões humanas e filosóficas fundamentais

aparentemente mais “racional” que as oferecidas pelo cristianismo. Por essa pretensa racionalidade, atraiu um número considerável de adeptos e acabou por penetrar o seio da própria Igreja nascente, parasitando-a, minando-lhe as forças a partir de dentro e fazendo de fiéis católicos falsos devotos, que aderiam a credos estranhos ao autêntico cristianismo.

Neste estudo, nos basearemos na obra “A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires”, de Daniel-Rops, que assim descreveu o gnosticismo, também chamado “Heresia do Conhecimento”:

“O gnosticismo apoiava-se em duas idéias:
a) a da sublime elevação de Deus, ideia tomada dos judeus dos tempos próximos, para quem JAVÉ se tornara infinitamente longínquo e misterioso (o Poder, o Grande Silêncio, o Abismo);
b) a da miséria infinita do homem e sua abjeção. Mostrava-se obcecado por dois problemas, exatamente os mesmos que hoje continuam a prender a atenção das inteligências: o da origem da matéria e da



vida, obras tão visivelmente imperfeitas de um Deus ‘que se diz perfeito’, e o do mal no homem e no universo. (...) Deus, único e perfeito, está absolutamente separado dos seres de carne. Entre Ele e esses seres, há outros seres intermediários, os *éones*, que emanam dEle por via da degradação; os primeiros assemelham-se a Deus por terem sido gerados por Ele, mas por sua vez geram outros menos puros, e assim sucessivamente. Cálculos numérico-esotéricos permitiam dizer quantas classes de *éones* havia, e o conjunto formava o mundo completo, os trezentos e sessenta e cinco graus, o pleroma.” (pp. 284 e 285)

Assim, para os gnósticos, principalmente para aqueles que seguiam a vertente de Valentino, era impossível que o Deus Perfeitíssimo tivesse criado um mundo imperfeito e cheio de miséria. Para os gnósticos, Jesus não era o Filho de Deus, mas um “*éon*” que, através do conhecimento, guiaria as pessoas presas à matéria ao verdadeiro Deus. Um mero psicopompo. O autor de “A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires”, sintetiza:

“Mesmo através de um resumo tão breve, vemos até que ponto tais especulações se opunham ao cristianismo. O personagem histórico Jesus desaparecia e Cristo não era mais do que um membro da hierarquia divina de *éones*, e sua carne humana uma espécie de invólucro ilusório da centelha divina. O ideal cristão da redenção do homem (...) e da realização do Reino de Deus eram substituídos por uma espécie de ‘apelo ao nirvana’, pela libertação da alma arrancada às abjeções do mundo material.” (p. 285)

A heresia gnóstica possuía um “ar de racionalidade” muito atraente. A maldade e a miséria do mundo eram colocadas na conta do Demiurgo, “liberando” Deus do problema; a salvação era fácil de se obter, pois bastava a pessoa tomar ‘conhecimento’ de tudo isso para alcançar a “libertação”. Aceitar a gnose significava fazer parte de uma elite, de um grupo de “escolhidos” (os ‘*pneumáticos*’), cuja missão era levar o conhecimento (gnose) ao segundo grupo, os “psíquicos”. Para o terceiro grupo, o dos “hílicos”, não haveria salvação, posto que não possuíam alma, mas haviam já nascido para a destruição.

O gnosticismo se proliferou de maneira espantosa entre os cristãos. Era necessário que a Igreja reagisse: “Cada comunidade se agrupou em torno de seu bispo, que era o legítimo depositário da tradição ortodoxa, e as instituições cristãs se tornaram mais precisas e rigorosas, para que o ácido da heresia não as corroesse” (p. 289).

Em especial, surge a figura de Santo Irineu de Lyon, nascido na atual Turquia, provavelmente próximo à Esmirna, que teve Policarpo como bispo. Policarpo havia conhecido o Apóstolo São João, o “discípulo amado” de Jesus. A fim de combater a heresia gnóstica, Santo Irineu usou como fortíssimo argumento a sucessão apostólica.

A sucessão apostólica é fartamente documentada ao longo da História. No final do primeiro século, quando, provavelmente, São João ainda estava vivo, houve um bispo chamado Inácio de Antioquia, o qual foi levado para Roma a fim de ser martirizado. No caminho, Santo Inácio escreveu diversas cartas, e existem registros de sete delas. Nelas, o santo é enfático ao dizer que para ser Igreja é preciso estar unido ao bispo, ao Episcopado. “*Ubi episcopus, ibi Ecclesiae*”: onde está o bispo, aí está a Igreja. Em outra carta, afirma que é a Igreja de Roma que preside sobre as demais (a Igreja de Roma preside na caridade), ou seja, a Igreja não se tornou católica, mas nasceu católica. Nestas cartas, vê-se claramente o princípio da catolicidade, a estrutura e a hierarquia da Igreja.

Santo Irineu viveu depois de Santo Inácio e teve de enfrentar a heresia gnóstica que seduzia o seu rebanho. Para tanto, escreveu sua maior obra, intitulada “Exposição e refutação da falsa gnose”, mais conhecida como “*Adversus haereses*” (Contra os Hereges), em cinco volumes. Nos dois primeiros, analisa com precisão as heresias de seu tempo: “Expor os sistemas é vencê-los, assim como arrancar uma fera das selvas e trazê-la à luz do dia é torná-la inofensiva”. Nos últimos três volumes, apresenta a doutrina ortodoxa de tal forma que os erros heréticos não mais serão possíveis. Assim, surge um sólido pensamento filosófico e teológico, e que no futuro servirá de base para todo o pensamento cristão. Não é o conhecimento privilegiado de pretensos iniciados; é a Tradição da Igreja, que todos podem conhecer, a dos bispos, cuja lista se pode estabelecer, a de Roma, que desempenha papel eminente. Espiritualmente, “não é um dado fossilizado, que maltrata a inteligência; é um princípio de vida que o Espírito rejuvenesce sem cessar, que orienta a razão e lhe determina o fim.” (p. 292)

ROPS, Daniel. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*.

São Paulo: Quadrante, 2014

SEBOUË, Bernard; THEOBALD Christoph. *História dos dogmas*, tomo 4 – *A Palavra da Salvação*.

São Paulo: Loyola, 2006

• Adaptado de:

AZEVEDO JR. Paulo Ricardo, *A heresia gnóstica*. Em: <https://padrepauloricardo.org/aulas/a-heresia-gnostica> •

Acesso 12/6/015





HÁ PURGATÓRIO?

A palavra “purgatório” não se encontra na Bíblia. Seria este um motivo justo para duvidar da sua existência? Evidentemente, enquanto católicos, temos as Sagradas Escrituras como regra de fé; – porém, não como única e exclusiva regra. – Principalmente, precisamos manter em mente que a interpretação do Livro sagrado dos cristãos só pode partir do sujeito que o produziu e autenticou: a Igreja Católica. Estabelecido este ponto de partida, veremos que o Purgatório é, sim, ensinado na Bíblia, e com muita clareza, ainda que não explicitamente. Todavia, antes de mostrar se, como e onde está ou não escrito, será muito útil analisar a questão sob outros prismas.

A existência do Purgatório é, também e antes de tudo, uma exigência da razão humana, – que nos foi dada por Deus e que nos torna humanos (sem ela seríamos iguais aos animais). – É também uma prova do Amor que Deus tem por nós. Reflita: se nós, seres humanos fracos e imperfeitos, procuramos aplicar penas justas aos criminosos, proporcionais à gravidade dos crimes cometidos, – e sabemos ser misericordiosos quando nossos filhos é que pecam contra nós, – quanto mais o Deus de infinita misericórdia (Lm 3,22), Deus que é Amor (1Jo 4, 8), não deverá saber lidar com os pecadores conforme as suas culpas?

Imaginemos um indivíduo que, faminto, furta um pão no mercado; logo depois, atravessa uma rua e é atropelado; morre. Imaginemos que este indivíduo seja batizado, tenha fé em Jesus Cristo e tenha praticado muitas vezes o bem em sua vida. Ora, segundo a Lei de Deus, tal pessoa, por ter pecado (roubou), está afastada da perfeita Comunhão com Deus; e morreu sem confessar o pecado. Será que este ser humano, – este filho adotivo de Deus, – mereceria receber como pena, por ter furtado um pão para saciar a fome, a pena eterna? Sofrer para todo o sempre num inferno de chamas? Será que esse castigo seria compatível com a perfeita Justiça Divina, proclamada no Salmo (119,137)? E com a infinita Misericórdia de Deus, cantada nas Lamentações (3,22)?

“**Provas bíblicas**” da existência do Purgatório – Como visto, o termo “purgatório” não aparece na Bíblia; este nome foi definido pela Igreja. – A mesma Igreja que a própria Bíblia declara como “a coluna e o sustentáculo da Verdade” (1Tm 3,15). – Mas o *conceito* do Purgatório, como lugar ou estado de purificação das almas, é facilmente encontrado nas Escrituras.

Gregório Magno, Papa e Doutor da Igreja, por exemplo, no ano 593 já explicava o Purgatório conforme a Bíblia: “[Diz o Senhor que] ‘se alguém blasfemar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado nem neste século nem no século futuro’ (Mt 12,32). Vemos então que certas faltas podem ser perdoadas neste mundo (neste século), e outras, num mundo futuro. O pecado contra o Espírito não será perdoado neste mundo e nem no mundo futuro. Mostra o Senhor Jesus, então, que há pecados que serão perdoados após a morte.”¹

Diretamente nas Escrituras, S. Paulo Apóstolo ensina o Purgatório; fala dos que “constroem suas casas” sobre o Fundamento (Cristo): alguns usam material resistente ao fogo; outros não. O Juízo de Deus, como fogo, põe à prova as obras de cada um. Se a obra resistir, seu autor “receberá uma recompensa”; se não, sofrerá uma pena, mas não é a condenação eterna, pois o texto diz que aquele cuja obra for perdida ainda se salvará: “Este perderá a recompensa; Ele mesmo, entretanto, será salvo, mas como que através do fogo” (1Cor 3,15).

No Evangelho (Mc 3,29), Jesus dá uma imagem nítida do Purgatório: “O servo que, conhecendo a Vontade do Senhor, lhe desobedeceu, será açoitado com numerosos golpes. Aquele que, ignorando a Vontade de seu Senhor, fizer coisas repreensíveis, será açoitado com poucos golpes” (Lc 12,45-48). Aí está o que a Igreja chama Purgatório: após a morte, haverá uma purificação do indivíduo de acordo com suas culpas, e não eterna.

Também em S. Lucas (12, 58-59) Jesus fala do Purgatório: “Faze o possível para entrar em acordo com o teu adversário no caminho até o magistrado, para que não te arraste ao juiz, e o juiz te entregue ao executor, e o executor te ponha na prisão. Digo-te: não sairás dali **até pagares o último centavo**”. – O Cristo não diz “nunca mais sairás dali”; diz que seremos entregues ao Juiz, que poderá nos mandar a uma prisão de onde não sairemos até saldarmos nossas dívidas. Mas da qual um dia sairemos. – A condenação não é eterna em alguns casos. A mesma afirmação está em Mt 5, 22-26.

Outra passagem bíblica que afirma inequivocamente a existência do Purgatório está na primeira Carta de S. Pedro (3,18-19;4,6): “Em espírito (Cristo) foi pregar aos espíritos na prisão, àqueles que outrora, nos dias de Noé, foram rebeldes”. Ora, o Senhor não pregaria àquelas almas, se elas não tivessem possibilidade de salvação: vemos, então, que os antigos estavam numa prisão temporária. Novamente, aí está o Purgatório: um “lugar” onde as almas aguardam pela Salvação definitiva. Evidentemente não é o Céu, lugar ou estado de alegria eterna na Presença de Deus, mas também não é um estado de tormento eterno e irremediável. É um lugar ou estado da alma em que os espíritos são purificados, conforme ensinado claramente na Bíblia Sagrada, inclusive pelo próprio Senhor Jesus Cristo.

1. São Gregório Magno, Diálogos 4,39.

Fontes: • CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. | • Website Veritatis Splendor, artigo “O Purgatório, a Igreja primitiva e os Santos Padres”, disponível em: veritatis.com.br/patristica/patologia/435-o-purgatorio-a-igreja-primitiva-e-os-santos-padres | • Acesso 25/3/015



UNÇÃO DOS ENFERMOS OU ÉXTREMA UNÇÃO

É por meio dos Sacramentos da iniciação cristã (Batismo, Confirmação e Eucaristia) que o homem recebe a vida nova em Cristo. Esta vida nova e gloriosa, porém, mesmo nós, batizados, trazemos ainda oculta dentro de nós, como “um Tesouro em vaso de argila” (2Cor 4,7). Agora, esta vida está “escondida com Cristo em Deus”, pois estamos ainda em “nossa morada terrestre” (2Cor 5,1), sujeitos ao sofrimento, à doença, à morte. – E também à concupiscência e às tentações. – Assim, a vida nova de filho de Deus pode se debilitar e até ser perdida pela ação contínua do pecado.

O Senhor Jesus Cristo, Médico Supremo da alma e do corpo, que remiu os pecados do parálítico e restituiu-lhe a saúde física (Jo 5,1-18), quis que sua Igreja continuasse, na força do Espírito Santo, sua obra de cura e de salvação também nos seus próprios membros. É esta a finalidade dos dois Sacramentos de cura: Reconciliação e Unção dos Enfermos ou Extrema-Unção.

A Unção dos Enfermos é também um Sacramento de Reconciliação: mediante a oração e a unção com o óleo santo, feita pelo sacerdote, concede ao doente a Graça e o alívio espiritual, e muitas vezes também o conforto corporal: a Unção dos Enfermos concede a saúde da alma e, em muitos casos, também do corpo.

O óleo utilizado neste Sacramento é um dos óleos que o Bispo abençoa na Quinta-feira Santa. O corpo da pessoa batizada é santo, pois por meio deste corpo comungou com Nosso Senhor Jesus Cristo. O Sacramento da Unção faz com que os enfermos tenham forças para testemunhar Jesus em meio ao sofrimento que passam, unindo-se à Obra redentora do Filho de Deus.

A unção é dada aos fiéis que se encontram em perigo de morte, por doença ou velhice. Um fiel pode recebê-la mais vezes, se houver agravamento da doença. A celebração desse Sacramento deve ser, preferivelmente, precedida da confissão individual (CIC §1514-1515/1528-1525): para receber a

Unção dos Enfermos é preciso, se possível, confessar os pecados ao padre, e recebê-la com fé, esperança e aceitação da Vontade de Deus.

Os sinais sensíveis da Unção são a oração e a unção que produzem a Graça, ministrados pelo sacerdote. A matéria usada é o azeite de oliveira ou outro óleo de extração vegetal (Const. Apostólica *Sacram Unctionem Infirmorum*, 1972). O sacerdote unge a pessoa na fronte e nas mãos, com o óleo devidamente benzido, dizendo uma só vez: “Por esta santa Unção e pela sua piíssima misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a Graça do Espírito Santo; para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua bondade alivie os teus sofrimentos. Amém.”¹

“Com a sagrada Unção dos Enfermos e a oração dos presbíteros, toda a Igreja recomenda os doentes ao Senhor Sofredor e Glorificado, para que Ele os alivie e salve, e exorta-os a unirem-se livremente à Paixão e Morte de Cristo, e a contribuírem assim para o bem do Povo de Deus” (CIC §1499).



A doença faz parte da vida, mas é sempre uma experiência dolorosa: ela enfraquece, baixa o moral e revela a impotência humana, os nossos limites e a fragilidade das nossas vidas. Em certo sentido, toda doença nos coloca diante da realidade da morte; e há muitos modos de enfrentá-la: pode-se vivê-la com amargura, com revolta e espírito derrotista, ou pode-se vivê-la com amadurecimento, fé e oração. Para um fiel católico, a doença pode ser um meio de participar da Paixão do Senhor, em benefício de toda a humanidade.

Assim age o Sacramento: o óleo é símbolo da Graça do Espírito Santo, Espírito de força e consolação (Paráclito Consolador). O Espírito do Cristo Ressuscitado dá ao enfermo força para fazer de sua doença um modo de participar da Paixão do Senhor. A Unção dos Enfermos nos une à Páscoa do Senhor, como insiste São Paulo:

“Eu me rejubilo nos meus sofrimentos por vós, e completo na minha carne o que falta das tribulações de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja.” (Cl 1,24)

“Cristo será engrandecido no meu corpo, pela vida ou pela morte. Pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro.” (Fl 1, 20s)

“Fui crucificado junto com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim.” (Gl 2, 19-20)

Desse modo, a doença é vivida com um sentido positivo, pascal, salvífico: é o privilégio de participar da Cruz do Senhor, para com Ele chegar à Glória da Ressurreição. Triste na vida não é sofrer, mas sofrer sem ver sentido no sofrimento. O Sacramento da Unção dá um sentido cristológico, um sentido santo à doença. A debilidade humana é transfigurada em Cristo, assume aspecto de força na fraqueza e dá ao enfermo a serenidade de saber que seu calvário terminará na Ressurreição!

Jesus não somente curou os enfermos, como sinal da chegada do Reino de Deus, como também ordenou que seus discípulos fizessem o mesmo (Mc 6, 7ss; 16, 17s; Mt 10, 8). A Tradição da Igreja, desde os primeiros tempos, reconheceu neste gesto um dos sete Sacramentos. No entanto, o Senhor é soberano para conceder ou não a cura. Às vezes, nem a oração mais insistente a obtém. São Paulo, depois de muito pedir, recebeu do Senhor como resposta que lhe bastava a sua Graça, pois na fraqueza se aperfeiçoa a Força de Deus (2Cor 12,9). Ninguém pode “forçar” Deus a realizar um milagre de cura: Deus é soberano e sabe o que é melhor para nós! Ai daquele cuja fé depende de milagres de cura. Muito cuidado, então, com os que prometem curas “em nome de Jesus”, até com hora marcada!

A Igreja busca cumprir a ordem de curar os doentes dada por Cristo, cuidando dos enfermos e intercedendo por eles na oração, com fé na Presença vivificante de Cristo, Médico do corpo e da alma. Ele está presente sobretudo nos Sacramentos e, de modo especial, na Eucaristia. A Igreja, desde os tempos dos Apóstolos, conhecia o rito próprio em favor dos enfermos:

“Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que orem por ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o levantará; se tiver cometido pecados, estes serão perdoados.” (Tg 5,14-15)

Quando tivermos alguém da família gravemente doente, chamemos o sacerdote, para que esse ente querido faça uma boa Confissão e receba a Unção dos Enfermos. Não devemos ter medo de ver um padre entrar na casa de um doente; pelo contrário! Ele não traz a morte, como alguns ignorantes pensam, mas sim a vida, – e a vida eterna, – que é a Presença de Jesus na alma do doente!

Com a Graça de Deus no coração, o doente muitas vezes recupera as forças físicas. Mas, se não for o caso, recupera o mais importante: as forças da alma; reza e se prepara para ir para o Céu. A morte pode ser triste, mas também é verdade que pela morte vamos para o Céu, para a felicidade que nunca se acaba e para ver Deus em Plenitude. Demos graças a Deus!

1. Sacramentário/CNBB. Petrópolis: Vozes, 2ª ed. Pp. 157

Fontes e bibliografia:

- FABER, Eva-Maria. Doutrina Católica dos Sacramentos. São Paulo: Loyola, 2008, pp. 202-207.
- KEELER, Helen & GRIMBLY, Susan. 101 Coisas que Todos Deveriam Saber Sobre Catolicismo. São Paulo: Pensamento, 2007, pp. 118-121.
- COSTA, Henrique Soares da, Pe. Unção dos Enfermos. Disponível em: <http://www.domhenrique.com.br/index.php/sacramentos/uncao-dos-enfermos/211-o-sacramento-da-uncao-dos-enfermos-i> | Acesso em: 23 abr. 2012.



EDUCAÇÃO CATÓLICA: VALOR IMPRESCINDÍVEL DA FAMÍLIA

Por Igor Andrade de Maria

Na era da famigerada “Ideologia de Gênero”, simplesmente falar de coisas como “educação católica”, valores cristãos” ou “família tradicional”, já é ser o cúmulo do “politicamente incorreto”. Não estou aqui, porém, para falar propriamente do quão absurdas são as críticas que o pensamento conservador, – sobretudo no tocante à família, – sofre. Detenho-me naquilo que torna a educação familiar algo tão importante nesta nossa sociedade pós-moderna.

Parto da seguinte premissa: a família é algo querido por Deus e fundamental para a civilização humana. Ora, o que se nota no mundo atual é a lenta e gradual desestruturação da família tradicional (com um pai, uma mãe e filhos) e, por conseguinte, o colapso da sociedade. Como um prédio, se as bases são destruídas, o edifício inteiro vem abaixo.

É exatamente para evitar que a civilização venha abaixo que o cuidado com a família se faz necessário, e é nesse ponto que a educação católica se mostra importante.

Educação essa que se baseia numa vida virtuosa e que cumpra o primeiro Mandamento: “amar a Deus acima de todas as coisas”; na qual as relações entre os esposos, entre os pais e os filhos e dos filhos entre si, são fundamentais e direcionadas pela Igreja. A primeira (entre os esposos) é a que vai determinar as outras.

É no começo da família que se deve ter uma educação com base na doutrina da Igreja em relação à moral sexual, ao respeito mútuo, às virtudes, entre outras.

Depois, vem a relação que considero a mais importante: a que se dá entre pais e filhos. Neste ponto, a educação católica é imprescindível, – tanto do ponto de vista doutrinal quanto do prático, – porque, além de a educação dos filhos ser da responsabilidade dos pais, os filhos são aqueles que darão continuidade à instituição familiar, e, por conseguinte, à civilização. Por isso, se faz necessária uma educação cuja finalidade é o Bem Supremo, a Verdade.

Tenho para mim que o pior dos crimes que o ser humano pode cometer é o de se recusar a criar e educar os seus filhos. Pais que acham perfeitamente cabível, na ordem das coisas, passar a criação dos seus filhos ao Estado, de duas uma: ou não sabe da importância de educar as crianças na virtude e para o Bem eterno, ou são criminosos, facínoras. Sim! Achar normal que uma criança de 4 anos esteja obrigatoriamente sob os cuidados do governo (cf. lei 12.796, de 4/4/2013, pp. 1/2), e não dos pais, é loucura, se não crime hediondo.

Se, entre dar um brinquedo eletrônico – e um “McLanche Feliz” – e dar amor para um filho, os pais escolherem o brinquedo, – e o “McLanche”, – quer dizer que tem alguma coisa muito errada. Os libe-

rais que me perdoem, mas dinheiro não é tudo nessa vida. Creio que homens que não cumprem o papel de pai partilham a culpa com mulheres que não cumprem o papel de mãe. Fato, porém, é que no começo da vida as crianças necessitam da presença do pai e da mãe, para que, além de carinho e proteção, possam ter junto a si pessoas que sejam exemplo dos dois pontos assinalados antes: a virtude e a busca incessante da finalidade última de todo ser humano: a felicidade eterna que somente será alcançada “na Vida do mundo que há de vir”.

Pois a relação que os filhos terão entre si, com seus pais e o resto da sociedade, é um dos ganhos que vem em decorrência da boa educação católica. E, como podemos notar, há uma circularidade no ensinamento cristão, pois os filhos e crianças de hoje são os pais e os adultos de amanhã.

Vê-se, portanto, a importância singular do cuidado que deve ser dispensado não só aos filhos mas também para com os noivos, antes de construirem uma família, pois já que uma nação é formada por famílias, é na família que começa uma sociedade cristã que busca a autêntica felicidade na vida eterna. Somente assim a civilização humana se aprimorará, como disse Nosso Senhor Jesus Cristo: “Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo” (Mt 6,33).

Informativo Paroquial



NOSSA SENHORA
DO

Brasil

:: Julho / Agosto de 2015 ::

Programação Pastoral

Nosso bazar, em agosto:

Dias 22 e 23

Grupo Sementes do Espírito:

Segundas-feiras às 20h

Grupo de Oração Espírito Santo:

Quintas-feiras às 14h30

Plantão de Oração:

Terças-feiras às 15h (marcar previamente com o responsável dos grupos ou na secretaria paroquial)

Hora Santa com Exposição do Santíssimo:

Sextas-feiras às 11h

Grupo de Jovens Divino Coração:

Domingos às 18h

Apostolado da Oração:

Santa Missa toda primeira sexta do mês às 8h

Oração das Mil Aves-Maria:

Todo primeiro sábado do mês na Capela Nossa Senhora do Carmo

Missa de Nossa Senhora de Schoenstatt:

Dia 20/8, quinta-feira, às 12h

Recolhimento feminino Opus Dei:

Dia 15/7 – Tema: “Membros da Família de Deus”

Dia 18/8 – Tema: “Amor à Verdade”

Expediente Paroquial

Secretaria:

Dias úteis: 8h30 às 19h/sábados: 8h30 às 14h

E-mail: nsbrasil@nossasenhordobrasil.com.br

Horários de Missa

Segundas-feiras: 8h, 9h, 12h05, 17h30 e 18h30

Terça a sexta-feira: 8h, 9h, 12h05, e 17h30

Sábados: 8h, 9h, 12 e 16h

Domingos: 8h, 10h, 11h15, 12h30, 17h, 18h30 e 20h

Confissões

Segundas, das 10h às 17h; sextas, das 10h às 12h; domingos, antes e durante as Missas (pode-se marcar hora para Confissão/direção espiritual)

Batismo

Informações e inscrições para o curso preparatório ao Batismo para pais e padrinhos na secretaria paroquial; trazer uma lata de leite para ser doada para instituições de caridade, e a documentação solicitada (confira no site – nossasenhordobrasil.com.br/pastoral-do-batismo – a lista de documentos).

Horários e dias para Batismo

Sábados, 13 e 15h (individuais); domingos, 9h, 13h30 e 15h30 (individuais) e 14h30 (coletivo). Batismos individuais devem ser marcados antecipadamente.

Matrimônio / Curso de Noivos

Inform. sobre procedimentos, datas e horários devem ser solicitados pessoalmente na secretaria paroquial.

:: PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO BRASIL ::

Pça N. S^a do Brasil, s/n^o - Jd Paulista - CEP.: 01438-060 - São Paulo - SP

INFORMATIVO N. S^a DO BRASIL
ANO 5 • ED. 38 • JUL/AGO 2015

Bimestral • Dist. gratuita • Tir. 2500 exemplares

- Responsável: Pe. João Bechara Ventura
- Editor: Henrique Sebastião



(11) 3082-9786



www.nossasenhordobrasil.com.br



facebook.com/nossasenhordobrasil



twitter.com/nsbrasil



Baixe o app
para iPhone
NSradoBrasil

A Riqueza dos Amigos

Pastoral da Família



AS REDES SOCIAIS, atualmente, levam-nos a pensar que temos o “mundo inteiro” de amigos, e quando precisamos desabafar com alguém, chorar no ombro ou compartilhar nossa alegrias íntimas com um abraço, percebemos, muitas vezes, que falta a realidade da presença do “calor humano” onde sobram as imagens virtuais.

No seu livro “Os 7 níveis da intimidade”, Matthew Kelly analisa exatamente como levamos nossos relacionamentos. Para ele, todo contato é um relacionamento, mas evidentemente não com o mesmo valor. Assinalar uma mensagem no Facebook de um correspondente na Austrália que nunca vi pessoalmente; enviar uma mensagem de um fato alegre ocorrido para que o mundo de 20 mil seguidores saiba; acordar todos os dias com a esposa; levar as crianças para a escola: tudo isso tem aspectos de relacionamentos diferentes!

Para Matthew, que destaca os relacionamentos em família, o casal encontra-se no ápice como principal, e todos os demais são secundários, inclusive os filhos, porque estes dependem muito de como os pais se relacionam. Seguem-se parentes, amigos, colegas, e meros encontros casuais em escalas, conforme cada um os prioriza, em função de muitas variáveis, desde empatia até vínculos simplesmente profissionais ou de vizinhança.

Para esta convivência, assinala dois outros conceitos importantes: tempo e escolha. O autor deixa claro que um dia tem 24 horas. Isso não muda. Como o tempo é fixo, precisamos aproveitá-lo utilizando priorização. Aproveitar estas 24 horas entre seus relacionamentos é uma questão de escolha. O tempo gasto com relacionamentos em um ciclo de tempo (diário, semanal, mensal, anual), evidencia como você prioriza seus relacionamentos secundários.

Último conceito do livro para esta reflexão: o autor deixa claro que o seu convívio com seus relacionamentos

(principal e secundário na sua ordem de prioridade) são os pontos-chaves para sua realização como pessoa. Um inversão de prioridades pode fazê-lo ir contra o que você espera de você mesmo!

É importante verificar que nestes relacionamentos existem aqueles permanentes e outros que possam ser transitórios. Alguns você escolhe, em outros você é escolhido. Não há dúvida que as escolhas permanentes assumem prioridade sobre as transitórias, assim como aquelas que você escolhe sobre as que você foi escolhido. Nestas, destaca-se o vínculo do Matrimônio, escolha permanente e feita com liberdade. Torna-se mais do que uma amizade, para passar a influenciar em quem você é, e, consequentemente, seus novos relacionamentos, às vezes no passado. Assim também os filhos que você não os escolhe, mas ama para sempre. Nestas duas condições, você é imprescindível e insubstituível. Em todos os demais relacionamentos, que englobam a riqueza do mundo das amizades, a flexibilidade ficará na dependência da prioridade que você der.

Tendo em conta tudo isso, minha reflexão: perguntei a mim mesmo como pautar a prioridade dos meus relacionamentos? Lembrei do trecho de Eclesiástico (6,5-17) e abri para ler. Deixo abaixo, para a reflexão de cada um (com um grande destaque para o último parágrafo).

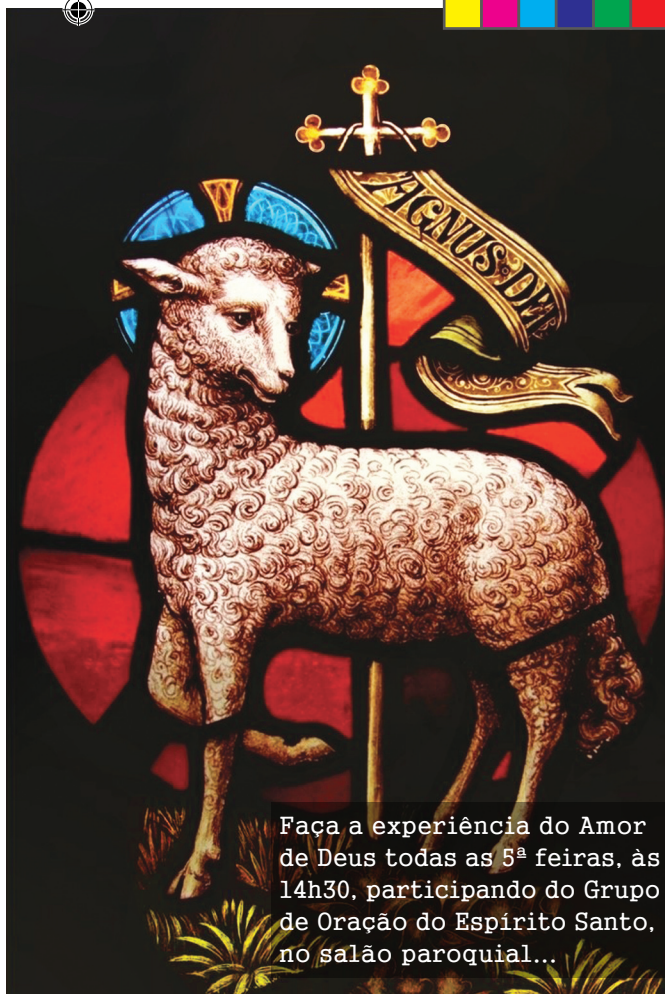
“Uma boa palavra multiplica os amigos e apazigua os inimigos; a linguagem elegante do homem virtuoso é uma opulência. Dá-te bem com muitos, mas escolhe para conselheiro um entre mil. Se adquirires um amigo, adquire-o na provação, não confies nele tão depressa. Pois há amigos em certas horas que deixarão de o ser no dia da aflição. Há amigo que se torna inimigo, e há amigo que desvendará ódios, querelas e disputas; há amigo que só o é para a mesa, e que deixará de o ser no dia da desgraça. Se teu amigo for constante, ele te será como um igual, e agirá livremente com os de tua casa. Se se rebaixa em tua presença e se retrai diante de ti, terás aí, na união dos corações, uma excelente amizade. Separa-te daqueles que são teus inimigos, e fica de sobreaviso diante de teus amigos. Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro. Nada é comparável a um amigo fiel, o ouro e a prata não merecem ser postos em paralelo com a sinceridade de sua fé. Um amigo fiel é um remédio de vida e imortalidade; quem teme ao Senhor, achará esse amigo. Quem teme ao Senhor terá também uma excelente amizade, pois seu amigo lhe será semelhante.”

Vale a pena pensar!



SANGUE DE CRISTO

Fonte da
Misericórdia
do PAI



Faça a experiência do Amor de Deus todas as 5ª feiras, às 14h30, participando do Grupo de Oração do Espírito Santo, no salão paroquial...

DE MUITOS MODOS, no Antigo Testamento, Deus manifestou a sua misericórdia com o seu povo, e desde a eternidade já havia traçado para eles o caminho da salvação através da aspersão do Sangue.

Inicialmente, o sangue de animais foi usado como forma de proteção contra o mal. As casas que tiveram suas portas marcadas com o sangue de um cordeiro foram poupadas por Deus do flagelo (Ex 12,13). Em Ex 24,8, Moisés reúne o povo, constrói um altar para oferecer um holocausto e derrama parte do sangue dos animais sobre ele, aspergindo parte sobre o povo e dizendo: "Eis a aliança que o Senhor fez convosco" (antiga Aliança). Mas este sangue purificava apenas temporariamente, e era necessário que se repetisse todos os anos.

Deus, então, usando de sua misericórdia, mandou seu Filho para derramar o seu Sangue, uma vez por todas, por toda a humanidade, para nos redimir definitivamente!

Esta é a nova e eterna Aliança de Deus conosco: o Sangue Precioso de Cristo derramado na cruz! Não mais o sangue de animais, mas o Sangue do Filho de Deus, que nos torna seus irmãos e, unidos, Família de Deus!

"É próprio de Deus usar de misericórdia, e nisto se manifesta de modo especial a Sua onipotência". Estas palavras de Santo Tomás de Aquino mostram como a misericórdia divina não é de modo algum um sinal de fraqueza, mas, antes, a qualidade da onipotência de Deus.

Disse o papa emérito Bento XVI: "Através da encarnação e do Sangue derramado de Jesus, fomos atraídos para dentro de uma consanguinidade muito real com Ele e com o próprio Deus. O Sangue de Jesus é o Amor, no qual a Vida divina e a humana se tornam uma só".

"Deus permanecerá para sempre na história da humanidade como Aquele que está presente, Aquele que é próximo, providente, santo e misericordioso" (*Misericordiae Vultus* 6)

Antes da sua Paixão, Jesus rezou ao Pai com o Salmo 136, o Salmo da misericórdia, cujo refrão "Eterna é a Sua misericórdia" é proclamado a cada versículo.

"No mesmo horizonte da misericórdia viveu Ele sua paixão e morte, ciente do grande Mistério de amor que se realizaria na cruz" (*Misericordiae Vultus* 7). Sim! Eterna é sua Misericórdia! O Sacrifício de Jesus Cristo se renova e se faz presente todos os dias, em cada Eucaristia pela qual somos alimentados pelo Corpo e Sangue do nosso Redentor, que nos dá vida nova nEle, nos fortalece nas tentações, nos purifica de todo o mal e renova a nossa esperança.

Neste Sangue está a Ressurreição: "E o Deus da paz, que no Sangue da eterna Aliança, ressuscitou dos mortos o grande Pastor das ovelhas, nosso Senhor Jesus, queira dispor-vos ao bem e vos conceder que cumprais a sua vontade, realizando Ele próprio em vós o que é agradável a seus olhos, por Jesus Cristo, a Quem seja dada a glória por toda a eternidade. Amém" (Hb 13,20-21).

Proclamas de Casamento

4/JUL – Antônio Augusto Serur Bruni e Juliana Cristina de Paula Santos; Guilherme Potenza Guimarães Pinheiro e Fabiana Gomes Nobre; Fernando Hajime Tahii e Aline Dau Gomes; Renato Bizarro Ferreira e Camila de Mais Teixeira; Bruno Ferreira Margato e Paula Marcela Lima Perez.

8/JUL – Diego Nunes Oger Fonseca e Mariana Rodrigues Coelho.

9/JUL – Gabriel Magrini Luiz Alonso e Heloisa Helena de Oliveira.

11/JUL – Jonas Franceschini Fanhani e Maria Laura Costa Cunha; Odislei dos Santos Gonçalves e Licia Maria Molina Mayo; Rodrigo Ferreira e Flávia Pedrassani; Lucas do Pardo Palmiro e Michelle de Lima Ourives.

18/JUL – Carlos A. C. M. Coutinho e Natassia de A. Cominatre; Emerson Barroso de Sousa e Camila Macedo Rodrigues; Thomaz Henrique Macedo e Larissa Amadeu Hypólito; Jonathan Mendes de Oliveira e Adriana Maria Cruz Dias; Pedro Correa Sicolino e Renata Della Togna Leal de Barros.

24/JUL – David Ricardo Lebrum e Alessandra Melleiro de Castro.

25/JUL – André Lauandos Nogueira Porto e Patricia Ferreira de Magalhães.

31/JUL – Felipe Rodrigues Máximo e Renata Nacarati.

1/AGO – Gustavo Neves Maroni e Mayla Cássia Carboni; Fernando Rodrigo de Moraes e Isabela Veiga Atra; Pedro Attanasio de Oliveira e Anna Carolina Gouveia Guimarães; Diego Pupo Nogueira Neto e Thais Santovito de Mascarenhas Picchioni.

8/AGO – Miguel Maria Charters O. B. da Silva e Silvia Ines França C. Sauma; Rodrigo Barreira Possenti dos Santos e Bruna Fernanda Souza Cosentino; Flávio Pioker Gomes da Silva e Michele Cristine Petri; Allan Carlos Capura de Araújo e Sandra Karine Domingues; Fernando dos Santos Souza e Danielli Martin do Sacramento.

14/AGO – Matheus Branco Elias Dib e Jessica Krug S. Machado.

15/AGO – Vinicius Vasconcellos de Paiva Oliveira e Fernanda Silva Greco; Nicolas Garcia Padros e Erica Cantadori Giotto Gonzaga; Sergio Adriano Buono Junior e Patricia Emily Rodrigues; Werner Vieira Steiner e Mariana Gouvêa Nicolay Reali de Souza; Edson Constantino Chagas da Silva e Tatiana Viola de Queiroz.

22/AGO – Sebastian Arbeleche e Mariana Leite Ribeiro Bedicks; Alexandre Moredo Trindade e Vivian Cenize Guarida; Flavio Paschoa Junior e Gabriella Silva Celidonio; José Luiz de Carvalho Gabure e Marcelle Francine Bacega; Thiago Raposo Matiussi e Manoela Barros Castro e Silva.

28/AGO – Gustavo Teixeira Bosco e Mariana Lajut; Marco Antônio Marconi e Aline Del Tedesco Nassif.

29/AGO – João Paulo Testa e Drielly Duarte Ferreira; Fernando Rocca da Cunha e Lilian Bernardes dos Anjos; Rodrigo Aparecido Sanche da Silva e Gabriela Bridi Pinto; Bruno Moreira Fernandes e Camila Roberta Rodrigues Batista; Fernando Souza Nani e Carla Andrade Rebelo Iaconelli.

Indicação de leitura



O CORAÇÃO DE CRISTO

Jean Galot

Editora Quadrante

216 pág.s

Conta Santa Catarina de Sena que o Cristo lhe deu seu Coração e ficou com o dela, operando uma troca mística. Mas todo aquele que se deixou atrair por Jesus, passando a procurá-lo no silêncio da prece e na

força renovadora e unificadora da Eucaristia, conhece essa sensação, pois vê realizada em si a antiga Promessa: "Dar-vos-ei um coração novo (...): tirarei o vosso coração de pedra e vos darei em seu lugar um coração de carne" (Ez 36,26).

Jean Galot demonstra como o viver cristão deve se tornar amor de filho, – como o de Cristo, – e como as relações com Deus devem ultrapassar o marco do respeito temeroso para adquirirem a confiança e a alegria de filho amado, no homem cujo coração pulsa em uníssono com as pulsações do Coração de Cristo.

DIZIMISTAS

ANIVERSARIANTES



JULHO

Maria de Lourdes Meireles
Maria Stela do Amaral
Rosemari Garcia
Maria de Lourdes Gomes Mota
Ana Claudia Atem

AGOSTO

Rosa Maria Orlando Caifa
Sônia Maria Sapupo
Edith Franco Camargo Aranha
Maria Glória Mercer
Tereza Junqueira
Kátia Simone Vianna

O MILAGRE DE CALANDA

Vittorio Messori, conhecido escritor, jornalista e historiador italiano, publicou em 1998 um dos estudos mais completos sobre um fato absolutamente inexplicável para a medicina e para a ciência, ocorrido no vilarejo de Calanda (Espanha) no ano 1640.

Jean Martini Charcot, famoso líder do positivismo religioso do século XIX, disse certa vez: “Ao consultar o catálogo de curas chamadas milagrosas, nunca se pôde comprovar que a fé tenha feito reaparecer um membro amputado”. Pois foi exatamente isso o que aconteceu em Calanda: uma perna amputada foi reimplantada miraculosamente ao corpo de um ser humano, sem nenhuma intervenção médica. Mais do que isso, essa perna foi reintegrada depois de mais de dois anos enterrada(!). Este acontecimento mais do que extraordinário foi estudado exaustivamente, sob todo o rigor científico, e os resultados publicados por Messori em sua obra *“Il Miracolo”* (O Milagre).

O milagre

Em 3 de agosto de 1637, o jovem empregado agrícola Miguel Juan Pellicer, nascido em Calanda no ano 1617, ao cochilar, voltando do trabalho, caiu de um reboque, em Castellón de la Plana. Uma das rodas atingiu-lhe a perna direita, esmagando a tíbia. Foi socorrido e tratado no hospital local, sendo transferido depois para o Hospital Real de Valência, onde permaneceu internado por 5 dias.

Miguel desejava ardentemente e pedia transferência para o Hospital Real e Geral de Nossa Senhora da Graça, em Saragoza, porque queria visitar o Santuário de Nossa Senhora do Pilar, sua grande devoção. Mesmo torturado por dores insuportáveis que não lhe davam descanso, Miguel foi autorizado a viajar a Saragoza para se colocar sob a proteção da Santíssima Virgem do Pilar. Paupérrimo, a viagem só lhe foi possível “de carona em carona”, motivo pelo qual demorou cinquenta dias(!), numa longa ascese pessoal. Além de tudo, era preciso percorrer



Nossa Senhora do Pilar



300 difíceis quilômetros sob o calor de um sol violento.

No início de outubro, afinal, o jovem chegou ao seu destino. Extenuado, sentia-se próximo da morte. Arrastando-se de joelhos até o Santuário, entregou-se totalmente nas mãos de sua tão amada Virgem do Pilar, a quem suplicou: “Salva-me, pois estou morrendo!”.

Somente depois de confessar-se e assistir à santa Missa, foi, enfim, internado no Hospital de Saragoza. Ao final daquele mês, sua perna precisou ser amputada “quatro dedos acima do joelho”, única solução para lhe salvar a vida. Cirurgiões e enfermeiros procederam à cauterização do toco que restara da perna com um ferro em brasa. Só voltou a obter alta um ano após, já na primavera de 1638, recebendo muletas, perna de madeira e uma carteirinha que lhe permitia exercer a atividade da mendicância.

Assim, “oficialmente” reduzido à condição de mendigo, pedia esmolas em frente ao Santuário. Em sua fé simples, como gesto de devoção, untava diariamente seu toco de perna com o azeite das lâmpadas acesas na Capela do Pilar, embora o médico lhe advertisse de que, além do risco de infecção, o óleo mantinha uma umidade que retardava a completa cicatrização da ferida.

Durante toda sua estadia em Zaragoza, Miguel passava os dias pedindo esmolas à porta da Basílica do Pilar. À noite ia dormir no “*Mesón de las Tablas*”, quando tinha dinheiro para pagar; quando não, dormia num banco do hospital.

Meses e anos se passaram. Todos conheciam Miguel,

o jovem pedinte de uma perna só. Certo dia, alguns peregrinos vindos de Calanda o incentivaram a voltar à casa dos pais, pois sua vida era sofrida. Afinal, em março de 1640, esgotado pela vida miserável que levava, Miguel decidiu voltar a Calanda, para a casa paterna, apesar de seu manifesto desejo de permanecer junto à Basílica de “*La Virgen del Pilar*”. Já eram passados dois anos e cinco meses após a amputação.

Precisamente no dia do 16º centenário da visão que São Tiago Apóstolo teve de Nossa Senhora, e do aparecimento do Pilar que dá título à esta devoção¹, na quinta feira, 29 de março de 1640, em torno das 22 horas, Miguel Juan Pellicer juntou com seus pais, dois vizinhos e um soldado da cavalaria, que estava de passagem e a quem a família havia oferecido hospedagem. Miguel deixou a conversa e foi se deitar, – porque se sentia especialmente cansado àquela noite, – no quarto dos pais, porque ao soldado havia sido oferecido seu quarto.

Pouco depois, entrou a mãe do jovem no aposento; sentiu um intenso e agradabilíssimo perfume, que ela descreveu “como de Paraíso”. Então percebeu que, por baixo da coberta, dois pés se mostravam(!). Chamou o pai, e logo pensaram que se tratava do soldado, que teria errado de quarto; ao levantarem a coberta, porém, descobriram que era seu filho, – e que a perna amputada reaparecera! – Trêmulos, viram marcas e características que a perna tinha antes de ser amputada, e um círculo vermelho no exato local onde fora seccionada!

Miguel só sabia explicar que se havia encomendado,

como todas as noites, a Nossa Senhora, sob a invocação da Virgem do Pilar, e que sonhara que estava na Basílica, como de costume, untando seu toco de perna com o óleo das lamparinas do Santuário, – que para ele era sagrado, – como um gesto de fé.

Nessa mesma noite, testemunharam o milagre o soldado, Bartolomé Ximeno, e os vizinhos Miguel Barraxina e Úrsula Means. Os três, minutos antes, haviam conversado com o jovem coxo, e viram-no tirar a perna de madeira antes de retirar-se para dormir. Foi chamado e veio, ainda, o pároco Pe. José Herrera.

Ao amanhecer, espalhou-se a notícia pelo povoado. O Pároco foi à casa dos Pellicer, e uma multidão. Estava presente o primeiro magistrado, juiz e responsável pela ordem pública, Martín Corellano; o jurado maior, prefeito Miguel Escobedo; o “jurado segundo”, Martín Galindo; o notário real, Lázaro Macario Gomez. Encontravam-se também os dois cirurgiões locais, que certificaram o fato profissionalmente. Ambos declarariam, depois, que se renderam “à evidência, que deixara por terra sua instintiva incredulidade”. O notário lavrou uma ata constatando o fato ocorrido.

A esta expedição inesperada devemos um documento extraordinário e único: estamos diante de uma intervenção divina autenticada por ata notarial, diante de um milagre com a “garantia” de documento conforme à normativa vigente, e corroborado por dez testemunhas oculares, escolhidas entre as de maior confiança dentre muitíssimas outras disponíveis. Como se não bastasse, a ata notarial foi escrita





Basilica de Nossa Senhora do Pilar, Saragoça (Espanha)

e autenticada poucas horas depois do sucedido, e no próprio local. – Processo e investigação foram abertos apenas 68 dias depois e se prolongaram por meses, presididos pelo Arcebispo de Zaragoza assistido por nove juízes, com dezenas de testemunhos e rigoroso respeito às normas prescritas pelo Direito Canônico.

A Prefeitura de Zaragoza, em 8 de maio de 1640, reuniu-se em conselho extraordinário e plenário, e nomeou três procuradores para apurar o caso, além de solicitar ao Sr Arcebispo que instaurasse um acurado processo canônico, às expensas da Prefeitura, que foi iniciado em 5 de junho de 1640. Conservam-se todas as atas de ambos os inquéritos. O da Prefeitura começou dois meses após o milagre. O canônico, após três meses. Inquéritos detalhadíssimos, com muitas comprovações e numerosos depoimentos de pessoas fidedignas que conheceram e conviveram com Miguel Juan Pellicer, antes e depois do acidente e da amputação.

No dia 22 de abril de 1641, a Câmara Municipal de Calanda

elegeu Nossa Senhora do Pilar Padroeira da cidade. No dia 27 do mesmo mês, Monsenhor Apaolaza, Arcebispo de Saragoça, anunciou: *“Nós dizemos, pronunciamos e declaramos que Miguel Juan Pellicer (...) recuperou, milagrosamente, sua perna direita que havia sido amputada; esta restituição não foi obra da natureza, mas operada de maneira admirável e milagrosa e deve ser registrada como um milagre.”*

A partir do testemunho do protagonista e outros, conclui-se, como não poderia deixar de ser, que o milagre se deu devido à intercessão de Nossa Senhora do Pilar, de quem o jovem sempre fora devoto, à quem se havia encomendado antes e depois da amputação e em cujo santuário tinha pedido e obtido autorização para esmolar.

Quando a notícia do milagre chegou a Zaragoza, mandou-se verificar no cemitério do Hospital Real, onde a perna de Miguel Pellicer havia sido enterrada. Sob a direção do Dr. Juan Lorenzo García, comprovou-se que a perna (ou os ossos que deveriam restar) havia desaparecido sem deixar vestígios! – Exames posteriores mostraram

que a perna direita, milagrosamente recuperada, conservava marcas de antes de ser amputada, especialmente a da grande ferida provocada pela carroça e que ocasionara a gangrena. Havia também a cicatriz, perfeitamente fechada como todas as outras, onde se havia feito a amputação. Tratava-se da mesma perna que havia sido amputada, a mesma que havia sido enterrada, anos antes! Ficara “a marca”, como condescendência divina para observação científica.

Após a conclusão positiva do processo, o rei da Espanha, Felipe IV, ordenou que chamassem ao palácio de Madrid o “jovem do milagre”. Ajoelhando-se em sua presença, beijou-lhe a perna milagrosamente restituída. Um grande tapete que ainda hoje está no Palácio Real de Madri, representa o Rei Felipe IV beijando a perna regenerada de Miguel Juan Pellicer.

Novas pesquisas, realizadas em tempos recentes e com abundante levantamento de documentos, reconfirmaram a autenticidade do grandioso milagre de Calanda.

Ref. bibliográfica:

ORIENTE-FRANCIULLI, Paulo. O Milagre de Calanda, São Paulo: Quadrante, 2004



SOBRE A FELICIDADE

Por Vitor Erni Matias Figueiró

O ser humano quer ser feliz; esta é uma frase auto-evidente, visto a quantidade de livros de autoajuda existentes, o tanto de pessoas que dizem ter encontrado a “fórmula da felicidade” e outras situações semelhantes. Mas, ora, o que é a felicidade, afinal de contas? É relativa, absoluta, palpável, imaterial? Para encontrarmos estas respostas, o primeiro passo é descobrirmos o que a felicidade **não** é, e como **não** alcançá-la.

Aristóteles entendeu que a felicidade é a atividade conforme a virtude (em ‘Ética a Nicômaco’). Um termo novo nos aparece aqui, – a virtude, – e será de grande valia para chegarmos a algum lugar nesta empreitada. O que é a virtude? Como se identifica o virtuoso?

A virtude pode ser definida como **disposição da alma para o bem**. Logo, a virtude é necessariamente boa; reflete-se numa

boa ação, por exemplo, ou num trabalho feito com excelência. Não deve ser confundida com o vício, este um prazer vulgar, incompatível com o prazer temperante: um é passageiro e depende de algo, o outro é ligado ao fim em si mesmo, logo, à felicidade.

Aqui, vemos separações importantes: o vício é estado de ânimo temporário, que para ser estendido precisa de um componente externo; pode ser associado a drogas, mas, além disso, é prazer vulgar, sem disposição para o bem. Pode ser exemplificado como um estado de ânimo sem bem: um homem bêbado, que aparenta estar feliz, mas apenas se afunda na ilusão do vício. Um prazer vulgar, que não pode ser comparado com prazer temperante; bebe-se para viver, ou vive-se para beber?

Mas há um termo que nos escapa: o **bem**. Se a virtude é disposição para o bem, o que é

o bem? O bem é definido como o fim absoluto. Sendo a felicidade o fim para o qual a virtude caminha, então ela pode ser definida como fim em si, pois os homens buscam-na durante toda a vida. Assim, a felicidade só pode ser alcançada pela virtude, que é a disposição da alma para o fim absoluto.

Ora, para o bom entendedor, é notável que a felicidade não é algo material, mas também não quer dizer que esteja, de modo restrito, alheia à matéria.

Todavia, sem um ponto fundamental, o sistema ainda não pode funcionar: a **prudência**. A prudência se encontra, via de regra, num meio termo entre os extremos, evitando a falta e o excesso; meio termo educado pelo hábito, em seu exercício.

A prudência é característica do homem virtuoso, que, educado pelo hábito, adquire a excelência em determinado campo,



como um artesão, que depois de anos de exercício da função, torna-se um virtuoso, pela precisão com que dá luz à sua arte. Assim, forma-se uma ligação estreita entre **felicidade, virtude e prudência**, sendo adicionado em seguida o **bem**; ora, o bem é o fim absoluto, então...

Sendo a felicidade fim em si mesma, não é o meio para alguma coisa, mas o objetivo ao qual os meios servem. Logo, uma das “camadas” para se chegar à felicidade é necessariamente a virtude. São várias as virtudes, e uma única pessoa não pode possuir todas; não há pessoa humana virtuosa em absoluto.

Mas, a pessoa virtuosa e feliz precisa estar viva. Logo, coloquemos aqui as necessidades básicas para a sobrevivência. Esta é uma camada subjetiva pelo fato de que uns precisam de mais do que outros para se satisfazer basicamente. Essa camada sofre influência mais massiva da alma, visto que é muito fácil transformar uma necessidade básica em vício, como a gula. Ora, comer é uma necessidade básica, mas não se deve viver para comer, e sim o contrário.

Então, encontramos a próxima camada; a **sabedoria**. Reza o livro 1 da Metafísica de Aristóteles: “Todos os seres humanos possuem desejo natural pelo conhecimento”. – Estamos naturalmente dispostos ao aprendizado; é necessário aprender para sobreviver. – Não há frase mais certa para o que estamos tratando. A sabedoria é a virtude do sábio, – aquele que sabe. – Se sabe, aprendeu de algum modo, seja por experiência ou por ensino transmitido por outro.

Ora, aquele que sabe, sabe de algo; logo, sabendo o resultado de uma ação, não erra; se não erra, é perfeito, – e sabemos que o homem não o é. – Logo, o homem não pode ser perfeitamente sábio, mas saber apenas aquilo que foi posto ao seu alcance, o que é suficiente para não errar aquilo que pode ser ingerido, por exemplo, pois não lhe prejudicará a saúde. Usando a disposição para o conhecimento, o homem pode subir os degraus da sabedoria e assim errar cada vez menos, o que evita os males da ignorância. Mas, como a sabedoria absoluta é incompatível com o homem, existem várias sabedorias imperfeitas; assim, esta é uma camada de caráter subjetivo.

A partir daqui, podemos ver que a pessoa feliz está saudável fisicamente; a sabedoria o ajuda a manter-se assim, e, por saber dos perigos, pode obter seguran-

ça. Mas não é suficiente. Como diz (novamente) Aristóteles, o homem é um animal político; nós simplesmente não podemos viver sozinhos.

Surgem as necessidades da alma, e necessariamente o **amor**, este um conceito que requeria um tratado imenso. Então, mudarei de filósofo, pois este nos dá uma definição “trabalhável”. Sto. Tomás de Aquino nos diz (na questão 20, artigo 1 da Suma Teológica): “Amar, porém, o outro, é querer o que é bom para ele. Assim o trata como a si mesmo, referindo o bem a ele como a si próprio. É neste sentido que o amor se chama força de coesão: porque aquele que ama integra o outro a si próprio, comportando-se com ele como consigo mesmo”.

Sendo esse um desejo recíproco, é necessário que a pessoa feliz precise de companhias, ou seja, amigos, um amor romântico... Parece ser a camada mais objetiva, mas não básica, pois é preciso antes de tudo estar-se vivo para se obter amigos. Estas são as camadas identificáveis até o momento. No livro “Discussões Tuscianas” de Cícero, surge outra questão importante: a fortuna, enfim, traz felicidade? A resposta é sim e não. A fortuna é um meio para a felicidade, mas, sozinha, não serve para este fim. Afinal, uma pessoa doente, sem companhias e ignorante, não pode ter a felicidade, apenas ilusão dentro do mar de vícios. O vício, no caso, é produto da imprudência, que não pode ser característica do sábio, visto que a prudência demanda intelecto para medir a consequência das ações a serem tomadas.

A felicidade não está na saúde, embora a saúde seja parte dela, assim como a fortuna. A felicidade, acima de tudo, é um estado de espírito. Felicidade, então, se aproxima muito de plenitude, material e espiritual. Embora, no fundo, saibamos que ela é puro espírito, pois apenas este pode ser pleno e absoluto.

Fontes e bibliografia:

Questões Disputadas sobre a Verdade, Tomás de Aquino

Ensaio de Teodiceia, Leibniz

Da Interpretação, Aristóteles

Metafísica, Aristóteles

SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA, PRECIOSA DEVOÇÃO

Por Felipe Marques

Deixando de lado as heresias, (e também as falácias de falsos ‘crístãos’ que desprezam a Igreja de Cristo), convido você, católico, e a todos os homens de boa vontade e que buscam à Verdade (que é Cristo, cf. Jo 14,6), a entrarem na grande aventura que é **conhecer** a Mãe de Deus, – que também é nossa Mãe, – e amá-la.

Mas quem é essa, de quem até os anjos perguntam: “*Quae est ista*” (Ct 8,5), “Quem é esta”? Tãmanha é sua riqueza que Deus, para impedi-la de sofrer com o mal do orgulho, “escondeu-a de si mesma”. Podemos contemplar sua extrema humildade e seu santo amor a Deus na simples e direta resposta dada à S. Gabriel Arcanjo (Lc 1,38): “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!”. Maria jamais quis ser idolatrada como “deusa”, muito ao contrário: poucos versículos após sua resposta ao Arcanjo, vemos como, com o seu *Magnificat*, jubilosa, engrandece a Deus Todo-Poderoso. Escolhida, foi preservada do Pecado Original; sendo Imaculada, o próprio Deus, Senhor de todas as coisas, quis encarcerar-se por nove meses em seu puríssimo ventre! Se mesmo a terra em que Cristo pisou é Terra Santa, quanto mais santo é o seio daquela que o gerou!

Todavia, Nosso Senhor Jesus Cristo deixou claro que jamais foi um “revolucionário”; sempre manso, humilde e obediente, vemos registrado no Evangelho segundo S. Lucas (2,51) como “era-lhes submisso” (a José e a Maria). Deus Todo-Poderoso submetendo-se, por Amor, à autoridade de sua mãe e de seu pai adotivo! O Criador e Rei dos reis, obediente a pobres criaturas mortais! Temos aí o exemplo da suprema humildade.

Assim, se nos dizemos crístãos, – imitadores de Cristo, – não podemos nos esquecer do 4º Mandamento da Lei de Deus, que diz: “Honrarás pai e mãe” (Ex 20,12). Ora, se Cristo tanto amou os pecadores, com que intensidade terá amado sua própria mãe, cumprindo com perfeição o Mandamento?

S. Luís Maria Grignon de Montfort disse, com propriedade e sabedoria: “Jesus Cristo deu mais glória a Deus, submetendo-se a Maria durante trinta anos, do que o faria se tivesse convertido toda a Terra pela realização dos mais estupendos milagres”.

Intercessora por excelência, nunca agindo por sua própria vontade, mas sempre buscando atender à Vontade de Deus, Maria Santíssima é Aquela que comunica ao seu Santo Filho, nas núpcias



de Caná, que o vinho acabara (Lc 2,1-12). E aqui Nosso Senhor não apenas realiza seu primeiro milagre sobre a natureza, mas nos mostra o poder dos pedidos de sua santa mãe, que insiste: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Lc 2,5).

Cremos na Santíssima Trindade; isto é, cremos que há um só Deus em Substância, porém em três Pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo. A Maria foi dada a graça tremenda de ser, ao mesmo tempo, filha, mãe e esposa de Deus: filha do Pai, Mãe do Filho e Esposa do Espírito Santo! A quem jamais foi concedido tamanho Dom?

Ela é a única que, sendo mãe, permaneceu virgem. Assim como é possível à luz atravessar um cristal sem rompê-lo, mais foi possível ao Espírito Santo fecundar Maria sem tirar-lhe a pureza.

Rainha e Senhora, porque Jesus é Rei. Por ser Jesus o Rei profetizado e exaltado desde o Antigo Testamento, Maria é a Rainha-Mãe, a figura maternal que aparece junto



dos reis ao longo de quase toda a Sagrada Escritura: os vinte reis descendentes de Davi, que vieram após Salomão, são sempre lembrados juntos de suas mães. Sim, a rainha-mãe é uma instituição típica da Casa de Davi. Por terem muitas mulheres, era impossível àqueles reis escolher uma das esposas para reinar ao seu lado. Reinavam, então, junto às mães. Por isso, ela recebia o título de *Gebirah*.

Na narrativa bíblica sobre a entronização do rei Salomão, vemos a reverência do glorioso soberano por sua mãe Betsabé, quando ela vem visitá-lo. O livro de 1Reis (2,19), diz: “Betsabé foi, pois, ter com o rei para falar-lhe em favor de Adonias. O rei levantou-se para ir-lhe ao encontro, fez-lhe uma profunda reverência e assentou-se no trono. Mandou pôr um trono para sua mãe, e ela sentou-se à sua direita”.

O gesto de Salomão remete ao Salmo 44: “Posta-se à vossa direita a rainha, ornada de ouro de Ofir”: essa rainha é a *Gebirah*, a rainha-mãe. Os hebreus mantiveram essa tradição até o exílio da Babilônia, quando deixou de haver rei. A partir dessa época, começou a espera pela vinda do novo “Filho de Davi”, – o Messias.

Quando S. Gabriel Arcanjo visita a Virgem Maria e lhe revela os planos de Deus, diz que Jesus herdará “o trono de seu pai Davi; e reinará eternamente na casa de Jacó”. Saúda Maria, dizendo “Ave, cheia de Graça”. Gabriel saúda à Rainha-Mãe, a Mãe do “Filho do Altíssimo”, cujo “Reino não terá fim.” Do mesmo modo diz Isabel, inspirada pelo Espírito Santo, ao avistar Maria que chega a sua casa: “Donde me vem a honra de vir a mim a mãe de meu Senhor?” (cf. Lc 1,43). A Bíblia Sagrada mostra como Isabel, inspirada pelo Espírito Santo, chama Maria “Mãe do Senhor”, – sendo que “Senhor”, aqui, tem o sentido de Deus (pois Jesus é Deus)! – Aqui estão as Sagradas Escrituras afirmando, textualmente, que Maria é Mãe de Deus. Vemos a tremenda incoerência daqueles que, pretendendo observar a Bíblia, renegam este título que a Igreja de Cristo sempre deu a Maria.

É óbvio, entretanto, que nem Maria e nem o próprio Jesus Cristo tiveram vidas de rei/rainha neste mundo. Ambos viveram a completa pobreza. O verdadeiro Reinado de Cristo será no Céu, não pertence a este mundo. No Apocalipse, encontramos alguns traços

desse Reinado, e vemos também a Virgem Maria surgindo, mais uma vez, como Rainha, “Mulher revestida do sol, com a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas” (Ap 12,1): mais uma vez, a Rainha-mãe!

Alguns protestantes não entendem essas realidades tão simples. A mulher, para eles, seria apenas um símbolo da antiga Israel e suas doze tribos, ou uma alusão à Igreja triunfante coroada no Céu. Mas, mesmo que estas interpretações possam ser consideradas válidas, eles se esquecem de um “detalhe” fundamental: qual foi, afinal, o ventre que trouxe Jesus ao mundo? De quem o Salvador tomou sua humanidade? Ora, o Sangue de Jesus, que nos salva, geneticamente falando é o mesmo sangue que fluía nas veias de Maria! Aquelas palavras do Apocalipse não podem falar de outra pessoa que não ela. É Maria a primeira personagem da narrativa, e não outras.

Por outro lado, chamar Maria de “Senhora” e “Rainha” não significa querer torná-la “deusa”, de modo algum. O senhorio de Maria é completamente diferente do de seu Filho. Jesus é *Adonai*, SENHOR no sentido de que é Deus; está totalmente acima de toda criatura. Chamar a Jesus “Senhor” é reconhecer sua Natureza divina; chamar a Virgem de “Senhora” é reconhecê-la como a Rainha-Mãe².

Por fim, Jesus, ao chamar Maria “mulher” (Jo 2,4;19,26), demonstra a ligação e complementaridade entre o Antigo e o Novo Testamentos: vemos que, de algum modo, Nossa Senhora está presente em toda a Bíblia, – do Gênesis ao Apocalipse, – exatamente pelo fato de Jesus assim se dirigir a Maria.

“Porei hostilidade entre ti e a **mulher**, entre tua linhagem e a linhagem dela. Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.” (Gn 3,15)

“Mulher, eis aí teu filho!” (Jo 19,26)

Fontes: 1. MONTFORT. Luís Maria Grignion. *Tratado da Verdadeira Devoção à Ss^a Virgem*, São Paulo: Vozes, 44^a ed.

2. AZEVEDO JR. Padre Paulo Ricardo. Vídeo-aula “A Resposta Católica” n.187: ‘Por que chamamos a Virgem Maria de Rainha e Senhora?’, disp. em: padrepauloricardo.org/episodios/por-que-nos-chamamos-a-irmã-maria-de-rainha-e-de-senhora

Tradução bíblica da Bíblia de Jerusalém, 1^a ed. 2002, 2015



SÃO JOÃO MARIA VIANNEY



Eu Vos amo, meu Deus, e o meu único desejo é amar-Vos até ao último suspiro da minha vida. Eu Vos amo, Deus infinitamente bom, e prefiro morrer amando-Vos que viver um só instante sem Vos amar. Eu Vos amo, meu Deus, e só desejo o Céu para ter a felicidade de Vos amar perfeitamente. Eu Vos amo, meu Deus, e só temo o inferno porque aí nunca haverá a doce consolação de Vos amar. Meu Deus, se minha língua não puder dizer que Vos amo, que meu coração o diga tantas vezes quantas eu respiro. Senhor, dai-me a graça de um dia expirar amando-Vos e sentindo que Vos amo. Quanto mais me aproximo do meu fim, mais eu Vos imploro a graça de aumentar e aperfeiçoar o meu amor. Amém!